

Os reis e a rainha da “cocada preta”

Sociabilidade e Conflito no cotidiano de uma barbearia no Centro de Porto Alegre

Pedro Paulo de Miranda Araújo Soares

**Edição electrónica**

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/267>

DOI: 10.4000/pontourbe.267

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Edição impressa

Data de publicação: 1 Julho 2012

Referência eletrónica

Pedro Paulo de Miranda Araújo Soares, « Os reis e a rainha da “cocada preta” », *Ponto Urbe* [Online], 10 | 2012, posto online no dia 01 julho 2012, consultado o 07 maio 2019. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/267> ; DOI : 10.4000/pontourbe.267

Este documento foi criado de forma automática no dia 7 Maio 2019.

© NAU

Os reis e a rainha da “cocada preta”

Sociabilidade e Conflito no cotidiano de uma barbearia no Centro de Porto Alegre

Pedro Paulo de Miranda Araújo Soares

Introdução

- 1 Os estudos sobre memória coletiva (HALBWACHS, 2006) nas chamadas “sociedades complexas” (VELHO, 2003) chama atenção para as descontinuidades e a fragmentação de experiências relativas à acomodação do tempo por parte dos habitantes de grandes cidades como Porto Alegre. Entre as maneiras de viver e praticar o espaço urbano encontram-se as relações de trabalho, as quais sofrem transformações em conformidade com as modificações pelas quais a própria cidade passa ao longo do tempo. Nesse sentido, este trabalho está inserido em um campo de problemáticas que considera relevantes as transformações de processos e práticas relativas ao trabalho, privilegiando a memória ligada a ofícios que têm lugar no mundo urbano. Entre esses ofícios encontra-se o de barbeiro ou barbeira, do qual as práticas, as artes de fazer (DE CERTEAU, 1994) se configuram como dimensões da memória coletiva (HALBWACHS, 2006) e formas de sociabilidade (SIMMEL, 2006) na cidade de Porto Alegre. Neste trabalho me dedico predominantemente ao espaço da Barbearia Elegante e às “formas de sociação” (SIMMEL, 2006) engendradas no local. Para compreender estes aspectos do referido local de pesquisa, percorro primeiramente os espaços onde estão inseridas essas barbearias, o que remete ao meu próprio percurso de descoberta e construção do objeto de pesquisa, no sentido de situar a mim mesmo e as barbearias no contexto da cidade de Porto Alegre, para somente depois chegar à Barbearia Elegante e seus personagens.¹

Porto Alegre e (algumas de) suas barbearias

- 2 O contato com o universo desta pesquisa está ligado à história das minhas tentativas de familiarização com os espaços de Porto Alegre. Estas tentativas de familiarizar-se com uma nova cidade, de criar uma relação de pertencimento com este lugar e de buscar aqui

ao menos as sensações provocadas por alguns de meus locais habituais de Belém² acontecem na forma de certos trajetos urbanos que possibilitaram a identificação de certos salões que se assemelham à imagem folclórica que guardo das antigas barbearias que aparecem em filmes, seriados de televisão e álbuns de fotografias. A importância de considerar os percursos urbanos como formas de conferir significado aos espaços da cidade foi bastante assinalada por Michel de Certeau (1994). Este autor indica que a constituição e definição de trajetos específicos por parte dos sujeitos que vivem o cotidiano da cidade é uma forma de escrever e inscrever a própria experiência nos espaços da urbe, processo que, em meu caso, não aconteceu sem estranhamentos, tensões, comparações e reencontros em relação às paisagens que eu experienciava em Belém, minha cidade de origem.

- 3 Nas reflexões de Bachelard (1974) aparecem as imagens etéreas de um espaço embrionário – e por isso matricial – a partir do qual percebemos e nos apropriamos dos demais espaços que percorremos durante a vida. Quando me dirijo à Rua da Praia ou dos Andradas a sensação que encontro é a de caminhar novamente na João Alfredo ou Rua dos Mercadores, a equivalente belenense à Rua da Praia. É possível pensar que exista uma grande semelhança física entre a capital do norte e a capital do sul, mas também posso imaginar o entrelaçar das duas cidades e o mapa de Porto Alegre se sobrepondo lentamente aos espaços de uma Belém cada vez mais distante.
- 4 Até o momento a espacialidade da pesquisa na cidade de Porto Alegre dizia respeito ao Bairro do Bom Fim – onde havia conversado apenas com um barbeiro – e ao Centro, onde procurei estabelecer contato com mais profissionais devido à grande concentração de barbearias naquele espaço. A entrada no *locus* de pesquisa sediado no Bom Fim se deu a partir de meus trajetos cotidianos. Localizada na Rua João Telles quase em esquina com a Oswaldo Aranha, bem próxima à parada de ônibus, a Barbearia Líder foi visitada em uma tarde em que eu voltava de ônibus do Campus da Universidade e resolvi cortar os cabelos antes de chegar em casa. É lá que trabalha Seu Francisco (64 anos). Trata-se de um local de fácil acesso e de constante recorrência em meus itinerários diários.
- 5 Partindo do Bom Fim em direção ao Centro, pude identificar outras barbearias na região de confluência de duas importantes vias de Porto Alegre: a Rua dos Andradas e a Avenida Borges de Medeiros. No início não percebi, mas o reconhecimento das barbearias do Centro acontecia dentro de um processo subjetivo de reconhecimento do território, de tentativas de conferir sentido a este novo espaço, de constituição de mapas mentais (GELL, 1997) com base em referências imagéticas escolhidas em meio à paisagem urbana e do estabelecimento de eixos de movimentação no centro da cidade dentro dos quais eu me sentiria “seguro”.
- 6 O primeiro eixo de movimentação que estabeleci foi formado pela Rua dos Andradas e pela Avenida Borges de Medeiros. Portanto, não surpreende que as barbearias identificadas nesse período estejam todas circunscritas a essa região. Por outro lado, da mesma forma que muitos serviços oferecidos por profissionais no meio urbano, as barbearias devem estar estrategicamente localizadas próximas ou sobre as principais vias da cidade para que o seu acesso seja facilitado mesmo a pessoas que, ao meu próprio exemplo, não conhecem os meandros cidade com profundidade.
- 7 Este primeiro eixo de movimentação estabelecido no Centro de Porto Alegre reflete em muito um trajeto bastante recorrente em meus deslocamentos pelo centro de Belém, equivalendo simbolicamente ao eixo Andradas/Borges de Medeiros: trata-se da

confluência entre a Rua João Alfredo e a Avenida Presidente Vargas. Tanto no caso de Porto Alegre quanto em Belém, estaríamos diante daquelas que seriam as principais artérias de ambas as cidades. Em primeiro lugar, pela densidade da experiência temporal que acumulam e, em segundo, pela diversidade de atividades e sujeitos que são incorporados em seu cotidiano. É nesse jogo entre distanciamentos e aproximações que se dá a trajetória da minha inserção no campo da pesquisa, que na realidade é a minha própria inserção na cidade de Porto Alegre.

- 8 A partir da Andradas e da Borges de Medeiros consigo alcançar as barbearias que compõem uma “mancha” (MAGNANI, 1996) de estabelecimentos comerciais no Centro da cidade. Para chegar até este eixo, uso a Avenida Independência, a poucas quadras acima da rua onde moro. Seguindo esta avenida em direção ao centro, chega um momento em que ela bifurca, oferecendo duas opções de percurso: na primeira, sigo em linha reta e já estou na Rua dos Andradas. No entanto, sempre prefiro a segunda opção, pois ela me oferece a possibilidade de descer pelas escadarias da Borges de Medeiros a partir da Avenida Duque de Caxias.
- 9 Descendo pela escadaria “Outono”, na primeira esquina abaixo encontro a Barbearia Elegante, situada na Rua Jerônimo Coelho próximo à Borges de Medeiros. Ao lado existe um bistrô denominado *Caffe Del Barbieri*, cujo proprietário é o mesmo da barbearia. A partir daí, percorro esta grande avenida até a Rua Andrade Neves, onde há uma curiosa galeria que liga esta rua à sua primeira paralela, a Rua da Praia. Neste pequeno espaço existem mais dois salões, o Salão Caballero e a Barbearia Delang, esta tida como das mais antigas de Porto Alegre. Tomo o caminho da Andradas e dou a volta no quarteirão utilizando a Rua General Câmara. Nesta via há mais barbearias nas quais ainda não entrei.
- 10 Meu objetivo naquele dia era ir até ao Mercado Público para visitar uma barbearia que tem sede no local. Assim, volto à Borges para chegar à Praça XV de Novembro, onde paro para comer um bolinho de peixe com suco de morango. Revigorado pelo lanche, vou até a Barbearia Central, localizada nos altos do Mercado Público, exatamente no canto que corresponde à esquina da Praça XV com a estação de ônibus Parobé. É lá que trabalha seu Jenecy, o barbeiro do Mercado Público.
- 11 A tentativa de estabelecer uma cartografia das barbearias do Centro de Porto Alegre traz à tona a ideia de “circuito” proposta por Magnani (1996). Não um circuito para os clientes, que geralmente se identificam e se habitua a frequentar apenas uma barbearia, mas um circuito para o pesquisador que, a partir de caminhadas, constrói seu próprio mapa da cidade formado pela localização de estabelecimentos vistos como barbearias. Isso mostra que a perspectiva panóptica sobre a urbe criticada por De Certeau (1994) pode ser subvertida e utilizada no processo de pesquisa para criar uma unidade espacial a partir de espaços descontínuos da cidade.

Imagem 1

PERCURSO PELO CENTRO DE PORTO ALEGRE **DESENHO POR PEDRO PAULO SOARES**

- 12 Uma etnografia do espaço que comporta as barbearias que identifiquei até agora pode ajudar a articular a territorialidade das barbearias com o seu público, tendo como base as “formas de sociação” (SIMMEL, 2006), relacionadas ao mundo do trabalho ou à sociabilidade, que se desenvolvem em torno de cada barbearia. Seu Renato (62 anos), profissional da Barbearia Elegante (Rua Jerônimo Coelho próximo à Avenida Borges de

Medeiros) deu pistas sobre a relação entre a territorialidade de sua barbearia e o público que a frequentava em tempos passados. Enquanto fazia minha barba, conversávamos sobre o perfil de seus clientes (50% antigos e 50% novos, diz ele) e o barbeiro recordou-se de figuras ilustres que já atendeu na barbearia como o Chacrinha e os jogadores do Santos Futebol Clube.

- 13 No relato do barbeiro, a presença dessas personalidades na barbearia acontecia em função de estarem hospedados no Everest Hotel, bem acima das escadarias da Borges de Medeiros, na Avenida Duque de Caxias. Conta ele que este hotel fora um dos mais luxuosos de Porto Alegre, acolhendo as celebridades de passagem pela cidade. Seu Renato conta que o público da Barbearia Elegante era formado em grande parte pelos hóspedes dos hotéis da região, sendo que alguns desses hotéis não existem mais. Ao sair da barbearia me dei conta da quantidade de hotéis de grande porte – embora já decadentes – no Centro, a começar pelo Hotel Savoy, situado exatamente em frente à barbearia; o Hotel Lancaster, este localizado na Rua Andrade Neves a poucas quadras da Elegante e o Porto Alegre City Hotel, sediado na Rua Uruguay.
- 14 A narrativa de Seu Renato refere-se ao passado, quando estes estabelecimentos hoteleiros dispunham de credibilidade e prestígio, oferecendo o que na época era considerado o melhor serviço e, por estas razões, hospedavam pessoas famosas ou com alto poder aquisitivo. A qualidade do Hotel também está ligada à sua localização, pois se viajantes ou turistas ficarão por pouco tempo na cidade, é melhor que eles conheçam os circuitos mais aprazíveis, o que inclui os arredores do local de hospedagem. Fenomenologicamente falando esta é a Porto Alegre que ele levará consigo na memória e relatará aos seus familiares e amigos: a cidade constituída a partir de suas experiências subjetivas mais imediatas. Se Seu Renato relaciona a decadência dos hotéis da região à perda de parte da clientela da barbearia, isso revela que algo pode ter mudado na distribuição dos serviços e na divisão espacial de atividades na cidade, além da forma como esta se apresenta aos turistas.
- 15 Logo, a localização dos principais hotéis da cidade nos arredores do eixo Rua dos Andradas/Borges de Medeiros dá uma idéia da dinâmica da cidade e seu Centro em tempos passados, o que incide sobre a localização das barbearias naquele espaço, entre elas a Elegante. Assim, a partir das palavras de Seu Renato, compreendo que a frequência da Barbearia Elegante estaria relacionada às transformações no espaço urbano ligadas às dinâmicas de valorização e marginalização de espaços como o Centro de Porto Alegre e suas principais vias, a Rua dos Andradas e a Avenida Borges de Medeiros.
- 16 A relação entre a territorialidade da barbearia e o seus frequentadores pode ser observada em outros casos como, por exemplo, os estabelecimentos da Passagem Acelyno de Carvalho, da Rua General Câmara e da Andrade Neves. Subindo a General Câmara até a Praça da Matriz, encontraremos o Palácio do Governo, a Assembleia Legislativa e outros órgãos governamentais. Descendo até a Andrade Neves, esta paralela à Rua dos Andradas, verificaremos a existência de prédios onde há escritórios de advocacia e cartórios. Em todos os casos, tratam-se de locais de trabalho onde há a predominância de uma estética voltada para a formalidade na maneira de apresentar-se ao público: terno e gravata, sapatos lustrados, cabelo curto e barba rente. Espera-se que a assepsia e a retidão na aparência devam espelhar o caráter destes profissionais. Na Passagem Acelyno de Carvalho não é raro encontrar homens engravatados nos cafés, fumando nos corredores ou dentro das duas barbearias do local, a Delang e o Salão Caballero. Logo, é possível perceber uma articulação não apenas territorial, mas também simbólica entre as

barbearias e os órgãos governamentais, além dos cartórios e escritórios localizados nas redondezas.

- 17 A Barbearia Central, sediada no Mercado Municipal, certamente não atenderá o mesmo público que as barbearias da Rua General Câmara ou da Rua Acelyno de Carvalho. Situada no segundo andar do mercado, esta barbearia é pouco conhecida pelos habitantes de Porto Alegre para quem a mencionei e pelos barbeiros com quem conversei, o que sugere ser este salão um local marginal dentro Mercado Público e em relação às barbearias que estão mais próximas da parte administrativa do Centro. Embora o Mercado Público, após sua reforma, seja bastante frequentado pelas camadas médias portoalegrenses – os mesmos clientes que hoje utilizariam os serviços da Barbearia Elegante, por exemplo – não é este o público da Barbearia Central.
- 18 O espaço desse salão não é tão requintado e de aparência asséptica como os das outras. Os preços dos serviços principais – cabelo e barba – são quase os mesmos dos demais estabelecimentos que visitei, porém a tabela de valores da Barbearia Central admite gradações e especificidades que custam menos: “só bigode”, “contorno do pescoço”, “contorno com máquina”, “cabelo com máquina” e outros. Este parece ser um tipo de serviço oferecido para os segmentos com menos poder aquisitivo que circulam e trabalham no Mercado e pelas vias adjacentes, a exemplo das ruas Voluntários da Pátria e Julio de Castilhos, artérias próximas aos grandes centros populares de compras, que conduzem aos terminais de ônibus e à Rodoviária da cidade e percorrem áreas do Centro que não sofreram da mesma forma os processos de “revitalização” e “higienização” como a Rua dos Andradas³.
- 19 Este tópico não tem como objetivo (de)limitar o público das barbearias ou traçar um perfil exato dos clientes de cada estabelecimento. Busquei apenas demonstrar a diversidade dos elementos que compõem um mesmo circuito, o das barbearias do Centro de Porto Alegre. A heterogeneidade desses estabelecimentos chama atenção para a diversidade das áreas de influência e “regiões morais” (PARK, 1979) no Centro, – que não é apenas o centro da cidade, mas constitui um bairro chamado “Centro” – evidenciando os contrastes e contradições entre áreas abordadas diferentemente pelo poder público e mostrando a relação das barbearias com os espaços da cidade.
- 20 Essas análises têm como base uma reflexão sobre os seus possíveis frequentadores, uma vez que os salões constituem espaços de sociabilidade e integram os trajetos cotidianos de muitos sujeitos que se deslocam durante o dia pelo Centro. Contudo, é também fundamental considerar a territorialidade dos salões tendo em vista a apropriação simbólica dos espaços circundantes pelos profissionais dessas barbearias, como acontece no caso de Seu Renato quando este narra suas experiências em relação aos hóspedes dos hotéis que se situavam próximos à Barbearia Elegante.

A Barbearia Elegante

- 21 A Barbearia Elegante era o espaço ao qual vinha me dedicando de maneira mais efetiva no momento inicial de pesquisa. Trabalham no local atualmente três barbeiros e uma barbeira: Seu Renato, Seu André, Seu Valter e Dona Geci. Além deles, há dois profissionais, no momento afastados. É o caso de Seu Sílvio, um antigo barbeiro com problemas de saúde e Luciano, um rapaz ainda jovem que, segundo os barbeiros do local, abandonou provisoriamente seu posto na barbearia para fazer um curso. Embora procure me comunicar com todos os profissionais do lugar, tive a oportunidade de me aproximar

principalmente de Dona Geci (72 anos), hoje a responsável por cortar meu cabelo, e de Seu Renato (62 anos), o mais comunicativo dos barbeiros do salão e, que de vez em quando, faz a minha barba.

- 22 A Barbearia Elegante, localizada na Rua Jerônimo Coelho, número 188, próxima à Avenida Borges de Medeiros, chama atenção daqueles que se deslocam pelo centro de Porto Alegre pela sua beleza e requinte. O interior da barbearia é bem iluminado, decorado com quadros e vitrais com fotos antigas de Porto Alegre. Os profissionais que lá trabalham atendem seus clientes em poltronas de ferro com estofamento dourado e, nas paredes, são exibidos em uma espécie de cristaleira objetos antigos de utilização por barbeiros: máquinas manuais de cortar cabelo, navalhas rústicas, secadores e porcelanas. Ao todo são seis poltronas, sendo que diante de cada par delas há um espelho e uma bancada com os produtos e aparelhos utilizados pelos barbeiros. Ao fundo do estabelecimento há um banheiro (indicado como unissex) e logo ao lado fica uma pia de louça branca. O piso é composto por pastilhas grosseiras cor terracota com detalhes amarelos. Não há televisão nem rádio ligados, apenas um som ambiente bastante discreto. Na parede, um quadro negro com uma moldura de madeira indicando o valor dos serviços prestados no local: o corte de cabelo é quinze reais e fazer a barba custa oito.
- 23 É claro que na composição do ambiente da barbearia existe uma preocupação com a recriação de um estilo “retrô” ou nostálgico. De fato, a Barbearia Elegante passou por um processo de reforma e “revitalização” empreendido pela empresa de arquitetura comercial Anima⁴. No site da empresa consta que a barbearia existe desde 1947 e Ilson Schambeck, o proprietário do imóvel a partir de 1968, foi o responsável pela transformação da barbearia em 2007. Além de reformada e redecorada, foi construído contíguo a barbearia um bistrô, o *Caffe Del Barbieri*, onde Marcelo, o filho do proprietário, é *chef* de cozinha e administra o estabelecimento junto com a mãe.

Imagem 2

PLANTA DA BARBEARIA ELEGANTE DESENHO POR PEDRO PAULO SOARES

- 24 A fisionomia do salão em tempos passados e a sua recente reforma estão presentes no discurso dos barbeiros sobre o salão, como demonstrou Dona Geci. Na primeira vez em que cortei meu cabelo, a barbeira contou que antigamente havia cadeiras e espelhos do outro lado do salão – onde hoje é o *Caffe Del Barbieri* – e que lá trabalhavam mais barbeiros. Assim, metade da barbearia teria sido desapropriada e transformada no *Caffe*. Em um dia de sábado, quando lhe perguntei se o Café estava funcionando, ela me respondeu que não, pois aos sábados eles trabalhavam apenas atendendo encomendas. Naquele momento aproveitou para expressar sua opinião sobre o bistrô: “aí não dá pra abrir todo dia, o pessoal tem que ter dinheiro pra ir. Pra ir tem que ter dinheiro”. Em outra ocasião perguntei a Dona Geci o que havia acontecido com aqueles barbeiros que trabalhavam do outro lado do salão e ela me respondeu: “Ih, foram morrendo”.

O Cotidiano na Barbearia Elegante: Sociabilidade e Conflito

- 25 Seu Renato tem 62 anos e é barbeiro da Elegante há mais de quatro décadas. Em uma entrevista realizada no interior da barbearia em um momento em que Seu Renato fazia

uma pausa em seu trabalho, ele se recorda do cotidiano do salão na época em que ainda era um neófito na profissão:

Criança tinha dia pra cortar cabelo. Eles tinham dia porque salão estava sobrecarregado, muita gente! Hoje não, hoje criança corta cabelo em qualquer dia, porque não tem mais aquele “faça fila” né. Claro que não pode se queixar. Os profissionais trabalham, os profissionais tem seus clientes, tudo e tal, bábábá, mas cada um tem consciência, pode testemunhar que antigamente casa salão se passava na frente e dizia: “Hoje não vai dar pra cortar! Olha como é que tá isso, tá lotado!”.

- 26 Em seu relato, o barbeiro aponta para uma dinâmica de trabalho diferente naqueles dias, quando os salões eram cheios de clientes e filas eram formadas para que as pessoas tivessem acesso ao serviço dos barbeiros. A união de pessoas na barbearia e em torno dos barbeiros acarretava certas formas de socição (Simmel, 2006) que remetem à sociabilidade, como aparece no trecho a seguir:

Tinha, tinha muitas barbearias, mas acontece o seguinte: os tempos eram outros. Antigamente se trabalhava até meia noite, certos salões trabalhavam até meia noite. Por quê? Tinha mais segurança, os velhinho depois das seis, sete hora da noite vinham cortar o seu cabelinho, era ponto de reunião, contavam histórias, se encontravam com os amigos.

- 27 Nesta entrevista, a barbearia narrada por Seu Renato surge como o que Michel Maffesoli (1987) chama de um local público que se apresenta como um “vetor de emoções comuns”, onde o costume de frequentá-la expressa uma sensibilidade coletiva relacionada à prática dos espaços centrais de Porto Alegre. Emerge a imagem romântica da barbearia enquanto um espaço de sociabilidade masculino onde a cidade é praticada e narrada. Os senhores idosos frequentadores da barbearia, cuja presença é evocada por Seu Renato, representam a própria nobreza moral daquele lugar, ao mesmo tempo em que as crianças tornam a barbearia um espaço familiar ao adentrarem. As imagens trazidas à tona por Seu Renato fazem como que se imagina um ambiente cheio de gente, no qual as pessoas se perdem em um emaranhado de vozes que contam histórias e trocam experiências.
- 28 Conforme Simmel (2006) propõe, a sociabilidade pode ser considerada uma forma lúdica de sociação pela qual as pessoas interagem pelo simples prazer de estarem juntas. Assim, a sociabilidade pode ser vista nas rodas de conversa, nos bate-papos entre amigos, conhecidos, colegas de trabalho e até nos meios de comunicação proporcionados pela internet onde, através das redes de relacionamentos, sujeitos se vinculam a outros que possuem as mesmas inclinações estéticas.
- 29 Enquanto elemento lúdico em que a forma de sociação se autonimiza em relação ao seu conteúdo, Simmel caracteriza a sociabilidade pela falta de profundidade dos assuntos das conversas e pela docilidade com que as pessoas defendem seus pontos de vista, de modo a buscar a conciliação na discussão, mais do que se sobressair no conjunto de sujeitos sociados. O resultado é um jogo – ou seja, uma forma lúdica de sociação – no qual todos são chamados a participar igualmente fazendo um comentário jocoso, contando uma piada, um causo ou narrando uma experiência. Participar da sociabilidade não significa necessariamente ser “um igual”, mas sim que, naquele momento, os participantes partilham de uma mesma comunidade emocional, como aponta Maffesoli (1987). Dessa forma, o propósito mais profundo da sociabilidade seria promover uma situação social na qual as diferenças são sublimadas por meio da encenação da igualdade.
- 30 Apesar da principal característica da profissão de barbeiro ser – conforme Lévi-Strauss (1987) escreve em *A Oleira Ciumenta* – a tagarelice, o que predomina hoje no ambiente da Barbearia Elegante é o silêncio. Pouco se conversava na barbearia e este foi o primeiro

aspecto que notei ao entrar no estabelecimento, fazendo-me repensar a imagem romântica dos salões onde barbeiros trabalham e contam suas histórias. De fato, estava diante de uma nova situação de pesquisa que contrastava com os trabalhos realizados anteriormente sobre o assunto, a exemplo do que aparece em Silveira e Soares (2007)⁵.

Imagem 3

SEU RENATO – EM FRENTE À BARBEARIA – E SEU WALTER, ATENDENDO O CLIENTE.

- 31 Como falar então de sociabilidade em meio ao silêncio? Seria pertinente começar pensando sobre algumas maneiras de entender este silêncio. É possível pensar na rotinização das relações entre os barbeiros, já que dividem o mesmo espaço de trabalho há décadas. Seu Renato, ao discorrer sobre sua experiência enquanto aluno do SENAC (Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial), introduz um novo elemento que permite pensar a dinâmica das relações dentro da barbearia. Conta ele que, para além da formação técnica, os profissionais do SENAC dão instruções aos seus alunos sobre como se comportar em relação aos clientes e sobre como trabalhar em grupo.
- 32 Algumas das lições aprendidas por Seu Renato dizem respeito ao cuidado em não espantar os clientes falando “abobrinhas”, ao mesmo tempo em que não se pode ser lacônico ou mal-humorado. Em relações aos problemas domésticos, o barbeiro aprendeu que: “os problemas de casa tem que ficar lá em casa”. Outras orientações dizem respeito ao tratamento com os colegas de trabalho na barbearia, o que implica ser “mais ouvinte do que falante”, isto é, manter uma postura discreta no local de trabalho de modo a evitar conflitos. Nesse caso, seria razoável propor que a atmosfera que observei na barbearia é um reflexo da profissionalização dos barbeiros e barbearias por instituições como o SENAC.
- 33 Esta instituição de ensino profissionalizante não ocupou lugar privilegiado na formação técnica dos barbeiros com quem conversei, a exemplo de Dona Geci e Seu Renato. A primeira afirma que a “escola” lhe deu apenas um diploma, uma vez que já era versada nas artes de barbear e cortar cabelo. Seu Renato, por sua vez, relativiza o papel do aprendizado da profissão no SENAC, dizendo que somente depois de vinte anos trabalhando como barbeiro ele se considerou um profissional completo. Entretanto, a instituição de ensino educa os barbeiros e barbearias no sentido de que veicula valores e visões de mundo que conformam uma ética do trabalho onde o silêncio e a discrição são importantes para a convivência no local de trabalho.
- 34 A profissionalização do ofício de barbeiro tem como propósito e consequência a preparação do jovem para o ingresso no mercado, o que significa dividir o local de trabalho com outros profissionais dentro da barbearia, instalada como um estabelecimento comercial de ordem pública. Este é, sem dúvida, um contexto bem diverso daquele do distrito de Icoaraci em Belém (PA), onde Seu Jorge trabalhava em uma barbearia que era uma espécie de extensão de sua morada (SILVEIRA e SOARES, 2007)⁶. Logo, a profissionalização do ofício pode surgir como um elemento capaz de incidir sobre as formas de sociabilidade na barbearia, na medida em que procura treinar e condicionar a conduta dos barbeiros entre eles próprios e em relação aos clientes.
- 35 Isso não significa que não haja sociabilidade na Barbearia Elegante ou que as relações estabelecidas no lugar estejam meramente circunscritas a aspectos do trabalho. Na maioria das vezes a sociabilidade floresce em função da presença de um sujeito exterior ao cotidiano da barbearia. Há ocasiões em que esse sujeito exterior é o próprio pesquisador, às vezes sozinho, às vezes acompanhado de um amigo, mas que quebra o

silêncio ao fazer perguntas e também ao suscitá-las: “Pedro, como vai o teu trabalho?”. Há também o caso de velhos senhores, clientes antigos, que vez por outra adentram as portas da barbearia. Seu Sílvio, um antigo barbeiro do salão, afastado por problemas de saúde, às vezes visita seu velho local de trabalho onde conversa um pouco com seus colegas e depois se põe a olhar fixamente o movimento da rua, calado, próximo à porta da barbearia.

- 36 Em uma de minhas visitas ao local, um senhor baixinho e de cabelos brancos entrou na barbearia e cumprimentou seu Sílvio. Este, que a princípio parecia estar apenas de passeio, converteu-se de barbeiro semi-aposentado em ativo novamente. Foi uma rápida metamorfose: vestiu o colete verde-musgo com seu nome bordado e empunhou suas ferramentas que ainda estavam guardadas na barbearia. Cortou os cabelos do velho cliente. Terminado o serviço, os dois se cumprimentaram e seu Sílvio pôs-se novamente a fitar os carros e transeuntes na rua.
- 37 No meu canto, fiquei imaginando o que ocorrera ali, naquele encontro entre um barbeiro e seu antigo cliente, na quantidade de experiência acumulada em todos aqueles cabelos brancos: os do barbeiro e os do cliente, cujas guedelhas caíam no chão após cada tesourada. Quantas histórias narradas, experiências e confidências compartilhadas mesmo que em silêncio. Para que um homem aceite ter sua face e seus cabelos tocados por outro deve existir o mínimo de identificação e de empatia entre os dois. A intimidade que este contato requer repousa no estabelecimento de uma relação exclusiva entre o cliente e o seu barbeiro, de uma fidelidade e respeito que atravessam o tempo e, por vezes, gerações. Quando o velho cliente ultrapassa a porta da barbearia, seu Sílvio reavalia suas prioridades e veste seu colete novamente. Não apenas pelo dinheiro que receberá pelo corte, mas pelo privilégio de celebrar a relação com seu cliente e de honrar um compromisso feito há muitos anos. Nada de risadas, nem excesso de palavras. Apenas o respeito e a satisfação de encontrar alguém que não chega a ser um amigo, mas que está longe de ser apenas um conhecido. O peso da idade se abate sobre os dois, mas ambos se certificam de que o outro está bem, com saúde, resistindo ao tempo e capaz de realizar o ritual periódico de encontro na barbearia.
- 38 Fica evidente que há lugar para a sociabilidade no cotidiano da Barbearia Elegante. O equívoco talvez seja o de imaginar a sociabilidade enquanto um estado contínuo que se prolongaria enquanto os seus participantes estivessem juntos. Ao contrário, a sociabilidade pode ser pensada enquanto momentos, instantes em que há uma troca de gentileza, um comentário pontual sobre o clima, uma reclamação sobre o barulho dos carros que passam em frente ao salão, enfim, qualquer forma de interação desinteressada. E se há um campo de sentido dentro do qual o silêncio é algo a ser compartilhado, então o próprio silêncio seria uma forma de sociabilidade.
- 39 De todo modo, nunca presenciei uma interação que se desse simultaneamente entre os que estão no salão. O mais perto que cheguei de presenciar a o modelo simmeliano ideal de sociabilidade foi em um dia no qual levei minha namorada à barbearia e a apresentei aos barbeiros e à barbeira que lá trabalham. A excepcional presença de Juliane na Barbearia Elegante pareceu congregar os barbeiros na medida em que todos eles se prostraram em torno dela para tentar descobrir quem era aquela garota. As perguntas feitas eram as de sempre: “nossa, mas vocês vieram de Belém pra cá?”, “está estudando?”, “tá passando muito frio?”. Seu Renato perguntou se estávamos com saudades de nossa terra. Ao respondermos que sim, o barbeiro deu início a uma narrativa sobre suas vindas a Porto Alegre quando criança.

40 Conta ele que sua mãe aposentou-se cedo por causa de problemas de saúde. Então, todo mês ela deveria viajar de Alto Taquari até a capital Porto Alegre para receber sua aposentadoria no INSS. A família inteira viajava junto, é claro. No percurso, o jovem Renato estranha os contrastes da capital com sua cidade natal, Alto Taquari:

Quando o barco tava chegando de noite em Porto Alegre o meu pai me chamava pra ver as luzes da cidade e dava pra ver todas aquelas luzes do cais do porto. Porque lá onde a gente morava não tinha iluminação, era tudo escuro.

41 A memória de Seu Renato depois o transporta para a proa do barco no qual a família voltava para casa após o passeio pela capital. Naquele espaço, o pequeno Renato ouvia o pai reconfortar a mãe dizendo: “A viagem é boa, mas o melhor é a volta pra casa”. E seu Renato justifica sua narrativa dizendo:

E essa história eu contei pra você ver que por mais maravilhoso que seja conhecer lugares novos, é sempre bom estar em casa. O meu pai passava dois dias longe de casa e já ficava com saudade. Por isso que eu fico pensando que vocês, que vêm de tão longe pra cá, devem sentir muita saudade da casa de vocês.

42 Naquele momento, Seu Renato tentava associar a sua experiência de infância à nossa experiência atual a fim de alcançar um estado de empatia baseado na semelhança dos elementos subjetivos de nossa experiência – o sentimento da saudade – e que muito se assemelharia ao “encontro etnográfico” discutido por Roberto Cardoso de Oliveira (2000). Ao mesmo tempo em que Seu Renato falava e, portanto, constituía-se como o centro das atenções no momento de sociabilidade, Dona Geci ficava interrompendo o barbeiro, dizendo que nós estávamos com pressa e dando a entender a Seu Renato que ele estaria sendo inconveniente.

43 Este não foi um incidente isolado. Em outras de minhas visitas à barbearia foi possível perceber que a interação entre Dona Geci e Seu Renato evocava outra categoria simmeliana: o conflito (SIMMEL, 1983). Em alguns casos, como foi mostrado acima, minha própria presença na barbearia se constituiu uma fonte de conflito. Entre o barbeiro e a barbeira há uma relação conflituosa manifestada tanto na disputa por clientes – entre os quais me incluo – quanto na atenção e mesmo pelo posto de guardião da memória da barbearia e da profissão de barbeiro.

44 Com o passar do tempo, mesmo as visitas mais “descompromissadas” à barbearia – isto é, a utilização metodológica da sociabilidade – serviram para que fossem presenciadas as situações de conflito no interior do salão. Em um desses momentos tive a oportunidade de conversar com Seu Valter, um dos profissionais da Barbearia Elegante. Eram três horas da tarde e o salão estava vazio. Dona Geci fumava do lado de fora do salão, e Seu Renato tinha ido pagar uma conta no banco. Eu estava sozinho com Seu Valter e resolvi lhe perguntar se ele tinha o mesmo tempo de trabalho na Barbearia Elegante que Dona Geci e Seu Renato e ele me respondeu que era mais antigo que os dois, trabalhando no local há quase 40 anos. Em seguida ele prosseguiu e sem que eu perguntasse, revelou:

Seu Valter: A Geci não era barbeira. Antes ela era manicure.

Pedro: Aqui nesse salão?

Seu Valter: É, aqui. Depois que ela inventou de ser barbeira, de alisar cara de homem.

45 A fala de Seu Valter entra em contradição com as informações anteriormente apresentadas por Dona Geci. Em outro momento, ela havia contado que trabalha no salão há mais de 40 anos, porém não especificou a sua função no local. Logo, imagino que ela incorpore o tempo em que trabalhou como manicure ao tempo em que atuou como barbeira, dando a entender que é barbeira há mais de 40 anos, ou seja, há mais tempo que

Seu Valter. Este, por sua vez, ignora o tempo que Dona Geci trabalhou como manicure no mesmo salão e assim defende a sua antiguidade como barbeiro no local.

- 46 As palavras de seu Valter também parecem encobrir certa resistência ao fato de Dona Geci ter se tornado barbeira depois de ter se profissionalizado como manicure. É possível pensar essa resistência de algumas maneiras. Primeiro, ela teria saído de uma profissão “feminina” como a de manicure para uma “masculina”, a de barbeiro, transcendendo a divisão sexual do trabalho e a hierarquia dentro da barbearia. Outra hipótese é a de que ela, ao mudar de uma profissão para outra, contraria a lógica da conversão à vocação, uma constante nas narrativas de Seu Renato sobre a sua inserção no mundo do trabalho. Em uma entrevista realizada dentro da barbearia, Seu Renato narra a sua iniciação na profissão de barbeiro:

Meu pai me dizia:

- Filho, vá aprender uma profissão. Olhe o seu irmão, ele tá bem!

- Eu, ficar alisando cara de homem? Ah, não!

Eu era jovem, né, achava que tava por cima... Aí meu pai foi e disse: “Não quer estudar, então vai trabalhar!” Aí fui trabalhar. Procurei trabalho e fui trabalhando, arrumando empreguinho aqui, emprego ali, em empresa, mas nunca durava, dava três mês e eles me mandavam embora, diziam “olha, seu trabalho é muito bom, mas temos que fazer cortes”. Aí comecei a pensar: “é, acho que tá na hora de eu aprender uma profissão, porque eu não paro em lugar nenhum”. Então eu entrei pro Senac.

Aí o meu pai ficou doente e uma vez eu fui fazer a barba dele e quando eu tava fazendo a barba dele, ele me disse:

- Meu filho, você vai ser um grande barbeiro!

Porque quando eu passava a navalha aqui, debaixo do nariz dele, que essa pele aqui ela é muito sensível, sabe? Quando eu passava a navalha aqui, não estourava a pele! E o meu pai me disse: “meu filho, você vai ser um grande barbeiro” e as lágrimas escorrendo dos olhos.

E desde ali passou 40 anos, teve altos e baixos, mas nunca, graças a Deus, nunca me faltou trabalho.

- 47 A narrativa acima é Seu Renato e dramatiza a sua condição de jovem relutante em abraçar a profissão de barbeiro – a qual possui antecedentes familiares, pois seu irmão é do ramo – para posteriormente, diante de um evento crítico com a enfermidade do pai, ir ao encontro inevitável de sua vocação. Para este barbeiro, o encontro com a vocação se dá a partir do aprendizado de uma profissão, conforme lhe aconselha seu pai. A *profissão* surge como categoria que na narrativa de Seu Renato se diferencia de *trabalho* e *emprego*. O *trabalho* na narrativa aparece como algo temporário, fluido e cambiante, não necessitando de qualificação, sendo aquilo que se faria antes de encontrar uma profissão. A *profissão*, por sua vez, é fruto de um aprendizado que transforma o trabalho em algo digno e estável, ou seja, o *emprego*. Ela seria, portanto, definitiva.
- 48 Considerando a narrativa de Seu Renato, é possível pensar que Dona Geci ignora sua vocação e assim contraria a lógica da profissão, pois teria aprendido primeiro o ofício de manicure para depois converter-se em barbeira. Finalmente, outra forma de interpretar as frases de Seu Valter seriam o barbeiro considerar a mudança de Dona Geci para barbeira uma ameaça à hegemonia masculina neste campo específico. Tendo Dona Geci se tornado barbeira, ele agora teria como colega de trabalho e como concorrente uma mulher.

49 Esse último ponto de vista pareceu se alastrar pela conversa conforme íamos prosseguindo. Eu disse que via muitas mulheres nos salões trabalhando junto com os homens e seu Valter concordou, dizendo:

É, tem muita mulher trabalhando como barbeira. Ali naquela ruazinha que atravessa pra Andradas [Acelyno de Carvalho ou Rua 24 horas] tem uma loirinha lá que pra um homem disputar com ela, ele tem que ser bom. Eu passo por lá de vez em quando e fico olhando, tem cada cabelo que ela corta, que eu vou te contar, o cara pra competir com ela tem que ser bom.

50 Adiante, porém, ele mostra certo descontentamento com a situação dizendo que “a maioria dessas mulheres que é barbeira é mentirosa, não trabalha direito. Tem umas que são boas, mas a maioria é mentirosa. Assim como tem homem que é mentiroso também, tem muito barbeiro aí que não trabalha direito, esse pessoal mais novo”. Percebe-se que a crítica de seu Valter começa endereçada às mulheres, mas termina fazendo referência aos barbeiros que se profissionalizaram recentemente. No entanto, estes são dois fenômenos que não se encontram dissociados. Uma vez a própria Dona Geci contou que a presença de mulheres não era algo comum na época em que começou a trabalhar, o que significa ser a entrada de mulheres neste mercado de trabalho algo que acontece recentemente. Logo, a insatisfação de seu Valter sobre os novos barbeiros ressoa no fato de que mais mulheres têm ingressado na profissão de barbeira. Foi então que lhe perguntei:

Pedro: Mas por quê que o senhor acha que tantas mulheres tão entrando nessa profissão?

E Seu Valter foi categórico ao responder:

Porque as mulheres querem tomar o lugar dos homens. Hoje em dia elas é que querem pagar tudo. Ali mesmo, aqui na esquina, eu já vi várias vezes. O cara acaba de comer e vai embora, quem fica lá pra pagar é a mulher.

51 Assim, ao mesmo tempo em que elabora suas interpretações sobre a dinâmica do mercado de trabalho onde está inserido, Seu Valter exprime suas visões de mundo e suas impressões sobre a passagem do tempo. Tudo isso o leva a refletir sobre sua situação profissional de barbeiro e sobre o que significa sua condição masculina na contemporaneidade. No caso de Seu Valter o conflito instaura reflexão, pois ele se questiona qual o seu lugar e o lugar do outro – as mulheres, os novos barbeiros – no mundo em que vive.

52 Este diálogo começou enquanto só estávamos eu e o barbeiro dentro do estabelecimento. Quando Dona Geci entrou no estabelecimento, seu Valter continuou a falar e, para o meu desconforto, a barbeira escutou a maior parte da conversa. Haveria outros exemplos sobre como a inserção de Dona Geci na barbearia se dá de forma diferenciada e não sem conflitos com os demais barbeiros do local. Ao mesmo tempo, ela empreende todo um esforço para se legitimar enquanto profissional naquele espaço. Se para seu Valter ela era manicure e depois passa a ser barbeira, a barbeira tem a sua própria cronologia profissional. Dona Geci re-situa no tempo sua experiência enquanto barbeira ao narrar seu aprendizado:

Na profissão eu comecei com treze anos. Trabalhava numa casa de família e ela [a patroa] era cabeleireira. Quando eu terminava de fazer o serviço, era o trato: aí eu ficava olhando ela trabalhar. Aí passei um tempo, casei, vim pra Porto Alegre. E fazia uns dez anos que eu tava eu Porto Alegre. Eu morava em Santa Cruz do Sul. Aí fui indo cada vez mais e passei a manicure. Fui manicure por uns vinte anos. Aí achei que manicure num tava, num tava mais bom daí parei.

53 Dona Geci é bastante enfática: “Na profissão eu comecei com treze anos”. Logo, ela situa sua experiência com cortes de cabelo em um momento bastante anterior ao seu ingresso

como manicure na Barbearia Elegante e sua posterior conversão em barbeira. Talvez mais do que uma estratégia discursiva para se legitimar enquanto barbeira em um campo onde predominam os homens, a elipse de sua experiência enquanto manicure na Barbearia Elegante pode representar uma das descontinuidades constituintes de sua duração (BACHELARD, 1988) interior e pessoal e que se expressa a partir de narrativas através das quais Dona Geci se define enquanto pessoa e profissional, além de ordenar e significar suas experiências no mundo social.

- 54 Outra situação conflituosa presenciada na barbearia se deu enquanto Seu Renato era entrevistado por mim. Quase no fim da entrevista, seu Renato começa repentinamente a falar sobre o trabalho em equipe:

O que eu tinha pra lhe falar era isso, pra lhe passar assim o espírito do dia-a-dia, na verdade muita luta, muito jogo de cintura, porque trabalhar em grupo, quanto menos tu falar, melhor. Tem mais que tu concordar do que tu discordar. Jamais pode dar a entender que tu é o rei da cocada preta. Tem que ser humilde, tudo e tal, para que a gente tenha um bom relacionamento. Se tu começar a querer aparecer e mostrar que tu tem mais conhecimento que os outros, tu termina te dando mal.[...] Então a gente, até isso, para que o profissional seja bem sucedido tem que ter juízo, tem que ter a cuca no lugar, para que a gente viva em grupo e saber se respeitar, que segundo diz: o respeito é bonito e fortalece as amizades.

- 55 Minutos depois entendi que aquelas palavras eram um sermão endereçado a seu Valter, que estava atrás de mim e ficara fazendo troça de Seu Renato durante quase toda a entrevista. Após a entrevista, seu Renato irritado desabafou: “Bá, eu falando com o menino aqui e o outro lá atrás fazendo graça! Dei logo uma chamada nele, não respeita, que é isso!”. Enquanto falava, Seu Renato gesticulava com a mão, fazendo um sinal com o dedo indicador e o polegar, gesto que questionava a sexualidade do outro barbeiro.
- 56 A partir da situação exposta acima pode ser interessante pensar que o local do conflito nas situações sociais geradas pelo cotidiano na barbearia situa-se no limiar da sociabilidade. Especificamente no último caso relatado, enquanto Seu Renato era o único entrevistado entre todos os profissionais do salão, o conflito surge quando um barbeiro começa a se sobressair entre os demais nos momentos de sociabilidade. No entanto, situação conflituosa semelhante se desencadeou quando seu Renato assumiu o papel de narrador, constituindo-se como o centro das atenções quando levei Juliane à barbearia. De fato, a situação de interlocutor da pesquisa fez com que Seu Renato quebrassem as próprias regras: ele acabou falando mais que os outros, mostrando seu conhecimento sobre a profissão, destacando-se entre os demais e, enfim, sendo inevitavelmente o “rei da cocada preta”.
- 57 Isto me leva a pensar que, se o conflito é capaz de emergir da sociabilidade, então estas duas categorias simmelianas não são antagônicas, sendo capazes de ser articuladas em refletir sobre situações etnográficas como as que descrevi neste trabalho. Para Simmel (1983) o conflito, tanto quanto a sociabilidade, é uma forma de sociação. Se a sociabilidade congrega os sujeitos em formas lúdicas de sociação, o conflito não é exclusivamente dissociativo, pois como coloca Simmel, “seus aspectos negativos e positivos estão integrados” (1983, p.123). Em outras palavras, a unidade de um grupo como os profissionais da Barbearia Elegante não está condicionada ao consenso, podendo ser encontrada justamente nos elementos que diferenciam e criam tensões entre os barbeiros.
- 58 A análise simmeliana da competição (SIMMEL, 1983) atesta que a função do conflito nunca é o extermínio do outro, a não ser em casos extremos. No caso da barbeira e dos

barbeiros, a competição se dá no espaço de trabalho e em relação a terceiros: clientes para quem vão oferecer seus serviços ou atenção nos contextos de pesquisa. Assim, os elementos que geram competição acabam por juntar os sujeitos em torno de si, engendrando formas de sociação baseadas no conflito, já que os concorrentes competem mais em virtude daquilo que têm em comum do que em função dos elementos que os separam. O conflito, dessa forma, gera unidade porque estabelece um campo de sentido comum entre os que dele participam.

- 59 No entanto, a dimensão conflituosa das relações sociais não é tão racional ou utilitária quanto parece, isto é, a competição ou o conflito nem sempre se dão em relação a fins exteriores previamente visados pelos concorrentes. Simmel (1983) chama atenção para a positividade da relação entre o conflito e a subjetividade daquele que integra essa forma de sociação, principalmente nas situações cotidianas produzidas pelo trabalho em grupo na barbearia, onde que a proximidade com os outros é inevitável, mas nem por isso desejável. Nesse sentido, a aversão ou o conflito tende a emergir como uma alternativa ao comportamento *blasé* (SIMMEL, 1987) no tocante às maneiras de vivenciar e reagir às condições encontradas na vida urbana.
- 60 Por um lado, Simmel declara que a oposição “pode tornar a vida ao menos possível com pessoas realmente insuportáveis” (SIMMEL, 1983, p.127). Essa afirmação reflete no fato de que, muitas vezes, a provocação, as indiretas e a competição entre os profissionais da Barbearia Elegante contribuem para criar uma tensão que quebra a monotonia do ambiente de trabalho. Por outro, opor-se uns aos outros lhes daria “satisfação íntima, distração, alívio, assim como, sob condições psicológicas diferentes, nos dá humildade e paciência” (SIMMEL, 1983, p.127). Neste ponto, o conflito enquanto forma de sociação começa a se aproximar da sociabilidade. Repercutindo positivamente na subjetividade dos barbeiros e da barbearia, o conflito se torna um fim em si mesmo.
- 61 Relevantes enquanto efeito subjetivo do conflito, a humildade e a paciência foram alguns dos valores elencados anteriormente por Seu Renato como indispensáveis ao convívio da barbearia. Ou seja, estes seriam os mesmos valores necessários para o estabelecimento de uma sociabilidade bem sucedida. Assim, em termos de seus efeitos sobre o sujeito e de suas características formais, pode-se tratar o conflito como parte da sociabilidade ou mesmo como uma das maneiras que a sociabilidade tem de se manifestar. Isso é possível porque o conflito, como aparece em certas ocasiões na Barbearia Elegante, assume características de um jogo em que todos participam de alguma forma, chegando a ser tão lúdico quanto a sociabilidade deve ser.

Considerações finais

- 62 Este trabalho narra as experiências relacionadas às minhas primeiras aproximações a campo, assim como o estranhamento frente à realidade urbana de Porto Alegre. Nesse sentido, tratar de meu trajeto até a Barbearia Elegante e a tentativa de refletir sobre a territorialidade do salão no contexto urbano e de suas transformações remetem às minhas próprias tentativas de desvendar os percursos e os meandros da cidade. Da mesma forma, examinar as formas de se deslocar na cidade mostra que meu encontro com os profissionais da barbearia, por mais que acidental, não se deu por acaso: a cidade possui a sua maneira de se apresentar aos caminhantes, assim como os pedestres constroem seus trajetos ao escolher as ruas por onde caminhar e os monumentos a serem contemplados durante a caminhada.

- 63 O estranhamento também se deu no interior da Barbearia Elegante, pois onde eu esperava encontrar sociabilidade, acabei por encontrar conflito. No entanto, é proveitoso pensar sobre como essas categorias se articulam na prática, uma vez que a sociabilidade enquanto forma lúdica de sociação não implica a existência de um grupo absolutamente harmonioso. Dona Geci, Seu Renato, Seu André e Seu Valter pouco falam entre si ou com seus clientes, mas quando falam, na maioria das vezes o conflito se instaura. No entanto, o conflito pode emergir nesses casos como o próprio componente lúdico da sociação, sendo a força integradora do grupo.
- 64 Além disso, o conflito aparece como elemento que permite aos barbeiros refletirem sobre seu lugar no mundo. Dona Geci e Seu Valter, por exemplo, remontam às suas trajetórias de vida e inserção no mercado de trabalho devido às circunstâncias conflituosas geradas no cotidiano na barbearia. Por fim, é através do conflito, tanto quanto da sociabilidade, que construo os personagens da pesquisa e busco compreender a dinâmica das relações dentro do salão. Em outras palavras, é por meio da observação dessas formas de sociação que o cotidiano da barbearia passa a ser constituído de sentido para mim, ao mesmo tempo em que os barbeiros e a barbeira articulam a sua experiência no mundo urbano portoalegrense.
-

BIBLIOGRAFIA

- BACHELARD, Gaston. *A dialética da duração*. São Paulo: Ática, 1988.
- BACHELARD, Gaston. “A poética do espaço”. In: *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1974.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. “O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever”. In: *O trabalho do antropólogo*. São Paulo: Unesp, 2000.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Vol. I. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CUNEGATTO, Thaís. *Etnografia na Rua da Praia: Um estudo antropológico sobre cotidiano, memória e formas de sociabilidade no centro urbano porto-alegrense*. [Dissertação de Mestrado]. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, UFRGS, 2009.
- GELL, Alfred. How to Read a Map: Remarks on the Practical Logic of Navigation. *Man*, New Series, No 20, vol. 2, 1985. pp. 271-286
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *A oleira ciumenta*. Lisboa: Edições 70, 1987.
- MAFFESOLI, M. *O tempo das tribos, o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.
- MAGNANI, J. G. Cantor. Quando o campo é a cidade fazendo antropologia na metrópole. In: *Na metrópole*. São Paulo: Edusp/ Fapesp, 1996.
- PARK, Robert Ezra. “La communauté urbaine. Un modèle spatial et un ordre moral » In: *L’Ecole de Chicago. Naissance de l’écologie urbaine*. Paris: Aubier, 1979.
-

SILVEIRA, F. L. A. ; SOARES, P. P. M. A. . O ofício de barbeiro em Icoaraci (PA), diálogos com seu Jorge. *Iluminuras*, v. 8, 2007.

SIMMEL, Georg. *Questões fundamentais de Sociologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

SIMMEL, Georg. *Georg Simmel: Sociologia*. E. Moraes Filho (Org.). São Paulo: Editora Ática, 1983

SIMMEL, Georg. “A metrópole e a vida mental”. In: Otávio Guilherme Velho (Org.). *O Fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1987.

VELHO, Gilberto. *Projeto e metamorfose*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

NOTAS

1. O presente artigo é fruto da pesquisa que deu origem à dissertação de mestrado intitulada “Etnografando as barbearias da cidade: Um estudo antropológico sobre trabalho e memória no mundo urbano de Porto Alegre (RS)”, cuja defesa ocorreu no mês de março de 2012.
2. Belém (PA) é minha cidade de origem, o lugar de onde parti para ingressar no mestrado em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
3. Sobre o processo de revitalização da Rua dos Andradas, também conhecida como Rua da Praia, conferir o trabalho de Thaís Cunegatto (2009).
4. Conferir no site da empresa o projeto de reforma da Barbearia Elegante: <http://animaarquitectura3.blogspot.com/2007/03/caff-del-barbiere.html>
5. Neste trabalho, realizado no contexto de uma pesquisa de iniciação científica, os autores observaram a sociabilidade na Barbearia São Jorge, localizada em Icoaraci, um distrito da cidade de Belém. Trata-se de uma barbearia de bairro, localizada em um pequeno prédio de alvenaria erguido em frente à casa do barbeiro. É neste ambiente que Seu Jorge, o dono do salão, atende seus familiares, amigos e conhecidos além de acolher aqueles que apenas passam pela vizinhança ou que vão até a barbearia para ler o jornal e conversar. Portanto, havia na barbearia São Jorge uma atmosfera que remetia à noção simmeliana de sociabilidade como o ato sociativo entre sujeitos pelo simples prazer de estarem juntos (SIMMEL, 2006).
6. Conferir o artigo “O ofício de barbeiro em Icoaraci (PA), diálogos com seu Jorge” disponibilizado online no site do periódico *Iluminuras – Revista Eletrônica do Banco de Imagens e Efeitos Visuais (UFRGS)* <http://seer.ufrgs.br/iluminuras/article/view/9260>

RESUMOS

Este artigo versa sobre as experiências etnográficas vivenciadas na Barbearia Elegante, localizada no Centro de Porto Alegre. A partir da observação participante no cotidiano do salão, percebe-se que o conflito emerge como a principal forma de sociação no ambiente, fazendo com que os profissionais da barbearia reflitam sobre si próprios em suas relações uns com os outros, ao mesmo tempo em que começam a se constituir enquanto personagens da pesquisa. O trabalho também contém reflexões sobre a territorialidade da barbearia de modo a entender a inserção do pesquisador em campo e sobre as aproximações entre os conceitos simmelianos de sociabilidade e conflito no contexto da Barbearia Elegante.

This paper discusses the ethnographic experiences in a barber shop located in Porto Alegre’s central area. From observing the barber shop’s everyday life, someone realizes that conflict emerges as the main form of association in that place. Then, the conflict makes it possible to the barbers to reflect on themselves and on their relationships with each other, also providing the researcher means to elaborate the characters of this ethnography. This work also contains considerations on the territoriality of the barber shop in order to understand the entrance of the ethnographer in the field of research and on the connections between Georg Simmel’s concepts of sociability and conflict in the barber shop’s everyday life.

ÍNDICE

Keywords: barber, sociability, conflict, town

Palavras-chave: barbeiro, sociabilidade, conflito, mundo urbano

AUTOR

PEDRO PAULO DE MIRANDA ARAÚJO SOARES

Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. pedropaulo.soares@yahoo.com.br